

# CONFIDENCIAL

## MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS RELATÓRIO DOS ACONTECIMENTOS DO 25 ABRIL NO R.I.5/CALDAS DA RAINHA

### 1. SITUAÇÃO PARTICULAR

- a) Todos os oficiais e sargentos e até praças do R.I.5 ficaram traumatizados em alto grau com o acontecimento do 16MARÇO e com as consequências que recaíram sobre a grande maioria de oficiais e sargentos do Q.P. e do Q.C. que aderiram a esse *movimento*.
- b) Mesmo depois de interrogar alguns capitães intervenientes no 16MARÇO, não consegui saber as causas concretas dessa “precipitação”; nem eu, nem eles.
- c) Na reunião de Cascais não fora ventilada a hipótese imediata da intervenção armada organizada, pelo que houve perplexidade em alguns oficiais.
- d) O ambiente vivido no R.I.5 durante o período de 16MARÇO a 25ABRIL foi difícil, marcado pela desconfiança e pela dúvida sistemática de que fosse possível um novo levantamento em tão curto prazo.
- e) Os poucos contactos que tentei foram rejeitados nessa base, de certo modo aceitável para as circunstâncias.
- f) A mudança total de quadros que se processou por duas vezes, impediu qualquer trabalho de aliciação.g) A posição de isenção e descré-

dito perante o M.F.A. dos oficiais superiores da Unidade em face dos acontecimentos do 16MARÇO e a posição legalista do comandante, determinaram a impossibilidade de qualquer contacto com êxito a esse nível antes do dia 25Abril

h) De todos os capitães destacados em diligência para o R.I.5 em 17Março, apenas eu lá me conservei. Os outros mudaram todos de situação após o término da recruta.

### 2. DESCRIÇÃO DOS ACONTECIMENTOS

Através do Asp. Of. Mil.<sup>o</sup> Eng.<sup>a</sup> FORTUNATO, tal como eu em diligência no R.I.5 após o 16MARÇO, e dos meus camaradas do Porto, do Major CORVACHO em especial, fui contactado no sentido de cumprir a missão de, com forças do R.I.5, libertar os presos políticos do Forte de Peniche. Respondi dizendo que, dadas as circunstâncias especiais da unidade considerava impossível cumprir a missão.

Em face disso foi-me atribuída a missão de, no mínimo, impedir que as forças do R.I.5 se opusessem ao avanço da coluna que, da Figueira da Foz iria dirigir-se a Peniche.

Dia 24, pelas 10H00 o Asp. FORTUNATO veio transmitir-me a data do golpe, 25ABRIL de

madrugada, e que portanto deveríamos tentar fazer qualquer coisa.

Dado sabermos que a rádio passaria a transmitir comunicados, combinámos que após isso tentaríamos aliciar o pessoal a nosso favor.

Cerca das 2508H00 dirigi-me ao major Vagos e ao major Monroe dizendo-lhes que o que se estava a passar era geral e que portanto deveríamos também pensar numa opção. Transmiti ao major Vagos a informação de que, quem estava dentro do assunto era o Asp. Fortunato, pois caso o comandante me prendesse, seria ele o único dentro da Unidade a saber o que se passava. Contactei igualmente o comandante da C.Caç., Cap. Inácio, o comandante da Formação Cap. Moncada bem como o Cap. Pisco, o Ten. Mil.<sup>o</sup> Canha e o Ten. Inf.<sup>a</sup> Nunes que, por desconhecerem o assunto, ficaram um tanto perplexos.

Após isso dirigi-me ao Gabinete do comandante, coronel Horácio Rodrigues, a quem expliquei que este movimento era geral sendo eu o delegado do M.F.A. na Unidade, que desta vez era mesmo a sério, e que deveria pensar em tomar uma posição a favor do M.F.A. Respondeu-me que obedeceria ao seu superior hierárquico mas que, no entanto, reuniria os oficiais

caso à Unidade fosse atribuída qualquer missão de combate.

Cerca da 2509H30 passou à frente do R.I.5 uma coluna com cerca de 40 viaturas em direcção ao Sul.

O comandante da coluna mandou-me chamar, mas como eu demorasse em aparecer (estava mais que entretido a falar com os oficiais da Companhia de Caçadores operacional que entretanto alguém mandara formar), continuou ao seu destino.

Durante todo o dia ouviu-se a rádio, esclareceram-se em especial os oficiais e sargentos, podendo eu afirmar sem receio de engano que, cerca das 2512H00, a Unidade estava mentalizada para não obedecer a qualquer ordem do Comando, se fosse dada no sentido de sair em missão de combate contra o Movimento.

Cerca das 2518H00, o comandante chamou os comandantes de companhia dizendo-lhes que continuava a obedecer ao Comando da Região Militar de Tomar e que aquele tinha determinado que não haveria confronto de tropas mas que, caso houvesse tropas frente a frente, a R.M.Tomar deveria ser contactada e daria então directrizes.

Em face dessa situação telefonei cerca das

2522H00 para a minha Unidade no sentido de que a Comissão fosse contactada e atribuísse uma qualquer nova missão ao R.I.5 a fim de ter uma base real para entrar em acção prática. Cerca das 2602H00 dirigi-me aos majores Monroe e Vagos no sentido de que exigissem do comandante uma posição contra ou a favor da Junta de Salvação Nacional.

Os dois majores contactaram o comandante e este, após uma consulta à R.M., disse que estava com o governo legal, não se pronunciando no entanto sobre o que considerava governo legal. Todos os oficiais fervilhavam de impaciência e, dado que a missão de neutralidade atribuída ao R.I. 5 parecia estar cumprida, lutei dali em diante apenas para evitar ter de prender o comandante, caso tergiversasse.

Os três oficiais superiores, embora não tivessem sido capazes de tomar uma atitude decisiva, deram-me a garantia de que não haveria tropas do R.I.5 a tentar impedir o Movimento, tendo todos eles exercido a máxima influência junto do comandante no sentido de o forçarem a uma decisão sensata mas que não lograram atingir.

Assim se continuou até que, cerca das 2610H00, os majores Serrano e Monroe vieram ter comigo informando-me de que o comandante finalmente se tinha decidido, dizendo que, como a R. M. se não pronunciava, fosse qual fosse a posição da Região, estava coma Junta de Salvação Nacional.

Fiquei satisfeito, pois com cerca de oitocentos instruendos ainda a receber fardamento, não me agradava nada ter de obrigar o comandante a desligar-se do comando, tanto mais que não tinha a certeza exacta de qual a posição dos oficiais superiores se houvesse uma ordem de reacção ao Movimento organizada pela Região Militar de Tomar, sobretudo se aparecesse pessoalmente a comandar essa reacção algum oficial de patente muito superior, mormente algum oficial general.

Cerca das 2612H00, o major Serrano veio ter comigo dizendo que afinal o comandante voltara com a palavra atrás e que estava de novo com o espírito francamente legalista. Disse-lhe que isso era intolerável e que iria tomar as minhas providências.

Como a R.M.T. abrandasse a situação de segurança e a porta de armas do quartel se abrisse, e como o comandante começasse a falar da possibilidade de um contragolpe, o capitão Pisco, que ouviu essa observação da boca do próprio, veio alertar-me no sentido de uma possível reacção da parte da R.M.T., por exemplo o corte da estrada de Peniche onde se encontravam as tropas quem cercavam o Forte. Em face disso telefonei ao major Serrano dizendo-lhe que ia tomar uma atitude definitiva.

Chamei os oficiais e sargentos (furriéis) das C<sup>a</sup> CAC. e Formação, que já se haviam comprometido a só a mim obedecerem e mandei-os

para as casernas a fim de enquadrarem o respectivo pessoal; chamei os comandantes das C. Cac. da Recruta capitão Pisco, Ten. Nunes e Ten. Mil<sup>o</sup> Canha, os quais me apoiaram a 100 por cento, indo enquadrar também o seu pessoal, enquanto que as munições disponíveis no gabinete do Oficial de Dia ficaram à minha disposição guardadas pelo Oficial de Prevenção e Piquete. Juntamente com o capitão Pisco contactei o Sargento da Guarda, o qual se prontificou a não obedecer a qualquer ordem de fogo dada directamente pelo comandante, e dirigi-me ao gabinete deste, que entretanto me mandara já chamar, possivelmente por reparar que algo de estranho (?) iria acontecer.

Pus então o comandante ao corrente da situação do momento, dizendo-lhe que eu teria então de tomar uma posição que só por respeito aos seus cabelos brancos não tinha sido já tomada, uma atitude mais drástica contra ele. Tentou elucidar-me dizendo-me que afinal não era eu quem comandava a unidade, e respondi-lhe que visse bem se tinha a certeza, tentando o major Serrano, que entretanto entrara no gabinete quase logo atrás de mim, mostrar-lhe que ele, comandante, já não controlava nada na unidade. Tentava-se apenas evitar que passasse pela mesma situação altamente desprestigiante por que passara no 16 de Março: ser preso. Respondeu dizendo-me que tinha de obedecer ao seu chefe hierárquico, tanto mais que era seu

amigo há muitos anos. Respondi-lhe dizendo que numa situação destas as amizades pouco contam e sugeri-lhe o envio de dois telegramas que se transcrevem:

#### 1<sup>o</sup>- PARA A R.M. TOMAR

De: CMDT. R.I. 5 G.D.H. – 2714H00ABR74  
VIRTUDE NAO ESCLARECIMENTO POSIÇÃO ESSA INFO ADIRO MOVIMENTO FORÇAS ARMADAS

#### 2<sup>o</sup>- PARA A JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL

De: CMDT. R.I. 5 G.D.H. – 2714H00ABR74  
VIRTUDE R.M.T. NAO TOMAR POSIÇÃO INFO VEXAS CMDT. R.I.5 COR.  
HORÁCIO RODRIGUES ADERE TOTALMENTE MOVIMENTO FORÇAS ARMADAS E AGUARDA ORDENS

Recusou e pediu para esperarmos até telefonar de novo para a R.M.T. Disse-lhe que sim mas que não esperava muito mais tempo.

Contactei em seguida o capitão Moncada dizendo-lhe que estava prestes a tomar conta da unidade e que a sua companhia já estava por mim controlada. Respondeu-me dizendo que estava com o Movimento. Inquiri também o Oficial de Segurança da Unidade, Ten. Lourenço, que se mostrou agitado e com vontade de que o comandante se pronunciasse a favor do Movimento, mas sem ser capaz de optar por

si próprio. Não consegui encontrar o capitão Inácio, que entretanto deve ter-se escusado a qualquer contacto.

Cerca de dez min. após, o major Serrano informou-me de que o comandante telefonara para a R.M.T. e que esta aderira incondicionalmente ao Movimento.

Disse-lhe que aceitava essa atitude se fosse expressada em frente de todos os oficiais. Respondeu-me que o comandante iria fazer uma reunião de oficiais para esclarecer de vez o assunto. Vim cá baixo dar a novidade e deparei com um conjunto de oficiais, sargentos e praças que se tinham juntado no átrio do Comando, ansiosos por notícias.

Expliquei-lhes o que se passara e todos ficaram satisfeitos dando vivas à Junta de Salvação Nacional e ao Movimento das Forças Armadas.

Os oficiais reuniram-se na biblioteca e o comandante esclareceu a sua posição referindo claramente que fora tomada porque a R.M.T. e o seu chefe hierárquico a tinham também tomado, expressando votos sinceros de que o novo governo encaminhasse o povo e o País para uma nova era de felicidade.

### 3. NOTAS ESPECIAIS

1. Chamo a atenção para o apoio dado pelo Sr. Asp. Of. Mil<sup>o</sup>. de Eng<sup>a</sup> Fortunato, que contribuiu com a sua acção esclarecedora junto dos subalternos para que, desde cedo o pessoal se decidisse a, de forma nenhuma, actuar contra o M.F.A.

2. Chamo igualmente a atenção para o apoio que o capitão Pisco me deu quando se tratou de efectivamente tomar uma atitude drástica.

3. Refiro o facto de que, embora os oficiais superiores não tivessem tomado uma atitude decisiva, várias vezes me perguntaram qual era a missão atribuída pelo M.F.A. ao R.I.5 e que, depois de lhes ter sido dito que apenas me tinham incumbido de que o R.I.5 se mantivesse neutral, me asseguraram que essa neutralidade seria mantida, desenvolvendo constante pressão junto do comandante no sentido de que este tomasse uma posição. A declaração do comandante em 2610H00 de que estava com o Movimento, a eles se deve, e o facto do comandante duas horas depois voltar à posição legalista chocou-os e decidiu-os em 2614H00 a apoiar-me, desta vez julgo que incondicional-

mente. Mantenho no entanto a opinião de que, se durante o dia 25 tivesse havido reacção organizada e comandada pessoalmente por algum oficial de patente muito superior, a atitude destes oficiais seria imprevisível.

4. O comandante do R.I.5, apesar de ter sido advertido logo na manhã de 25, apesar de ter sido informado de que à frente do seu Regimento passaram cerca de quarenta viaturas com tropas vindas do Norte (nem sequer se dignou ir ver com os seus próprios olhos), apesar dos comunicados da rádio e das imagens da televisão, esteve até ao fim com a esperança de que um contragolpe se verificasse e mesmo em 2614H00, quando se viu obrigado a optar definitivamente, ainda alegou que a R.M. Coimbra, a R.M. Tomar e a R.M. Évora se não tinham ainda pronunciado, e que as unidades da sua Região Militar se mantinham todas na expectativa. Mesmo em 27 pela manhã, quando o major Pita Alves me telefonou de Lisboa ordenando que o pessoal de Peniche fosse rendido por nós, o comandante do R.I.5 quis que a ordem viesse através do seu canal de comando da R.M.T., e pôs objecções dado que se pensou

que nesse momento a R.M.T. estivesse a ser comandada por um tenente-coronel, portante de antiguidade inferior, pondo entaves à organização da coluna no aspecto de armamento quando quisemos transportar bazucas e morteiros 60, assim como quanto ao número de munições que pretendíamos transportar, tudo, segundo me pareceu, em atitude ainda de desconfiança, pelo que mesmo nessa altura, eu e o capitão Pisco tivemos a noção de que, para cumprir a ordem teríamos ainda que tomar uma atitude drástica. Felizmente que a R.M.T. estava comandada por um coronel mais antigo e ele anuiu, como seria aliás de esperar, à ordem recebida através do canal atrás enunciado.

Porto, 11 de Maio de 1974

O OFICIAL DELEGADO DO MOVIMENTO  
DAS FORÇAS ARMADAS NO R.I.5

ANTÓNIO AFONSO GONÇALVES  
CAP. INF<sup>a</sup>